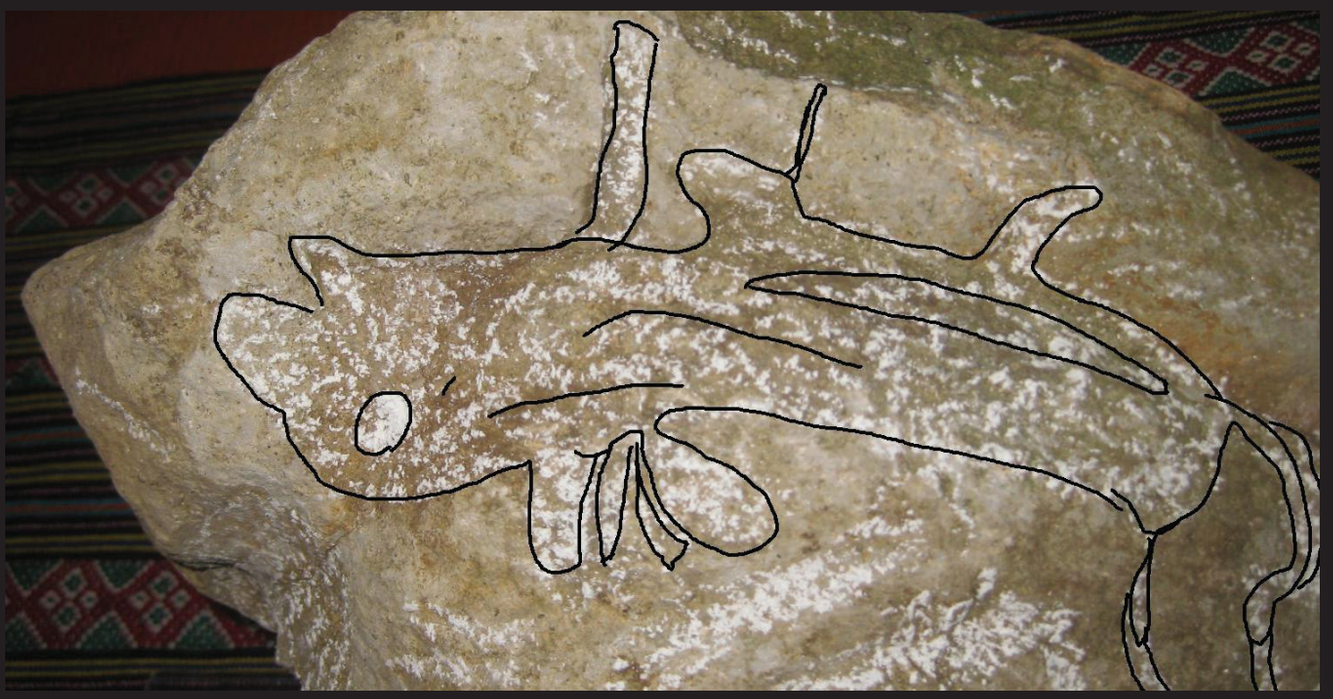

ARTE RUPESTRE NA ILHA TERCEIRA-AÇORES, PORTUGAL: PETRÓGLIFOS, ARTEFACTOS, ÍDOLOS OU FÓSSEIS?

FÉLIX RODRIGUES[1]

1 DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Resumo

Neste trabalho apresenta-se o resultado da investigação de duas rochas traquíticas recolhidas na ilha Terceira, Açores, Portugal, e que tem provocado perplexidade, discussão e negação na comunidade científica nacional, pelo facto de não haver conhecimento anterior sobre o que hipoteticamente seria considerado um tipo de arte rupestre nos Açores, se assumirmos que foram executadas pelo homem, ou por outro lado, corresponderem a fenómenos geológicos ou fósseis gravados nas rochas, se assumirmos tratar-se de uma fenómeno natural, com efeitos também eles não descritos ou enquadrados no paradigma geológico vigente.

Perante tal dicotomia, estamos neste trabalho perante rochas, que não passarão disso mesmo, se as formas que apresentam tiverem uma origem natural, ou então, perante um artefacto se essas tiverem sido trabalhadas pelo homem. Tanto uma como outra hipótese reveste-se de verdadeira importância científica, daí que se entendeu ser pertinente abordar essa questão, explorando apenas duas peças de entre várias que já foram recolhidas, antes da escrita deste artigo.

Na impossibilidade de neste momento procedermos à datação quer do que uns apelidam de fósseis ou fraturas rochosas (Meneses *et al.*, 2013) quer do que outros, por semelhança com artefactos de outras localizações geográficas apelidam de arte rupestre (Rodrigues, 2013; Lemos *et al*., 2014; Picanço *et al*., 2014; Silva *et al*., 2014) a dúvida continuará por mais algum tempo até que haja uma metodologia apropriada para separar essas duas visões antagónicas de forma inequívoca, objetiva e desprovida de posições paradigmáticas que em nada contribuem para o esclarecimento da questão.

Neste trabalho não se dará resposta cabal a essas questões que se acabam de colocar, mas chamar-se-á à atenção do leitor para as indecisões que subsistem nas análises que aqui se apresentam.

1. Introdução

O contexto histórico ou arqueológico é relevante para a interpretação de um artefacto, mas no caso deste trabalho, a situação ainda é mais complexa, pois qualquer tentativa de descrição do contexto enviesa a sua análise. Assim, o contexto mais generalista e menos enviesado é de facto o geológico. Apesar do estudo de objetos semelhantes aos que aqui se apresentam puderem ser considerados do domínio da arqueologia, estes não o são, porque no seu achamento não houve a aplicação de qualquer técnica arqueológica para os obter, e por outro lado negou-se oficialmente a sua existência (Meneses *et al*., 2013), o que faz com que técnica e oficialmente se designe o processo, de simples recolha de amostras.

Neste artigo adota-se um critério de apresentação dos objetos ou artefactos semelhante àqueles que os Museus tradicionais seguem, sabendo-se no entanto que estes são frequentemente criticados por exibirem um grande número de artefactos da história sem qualquer informação contextual sobre os seus efeitos ou as pessoas que os produziram.

Uma tentativa de contextualização histórica dos artefac-

tos ou objetos que aqui se estudam influenciará a sua análise e desvirtuará o trabalho científico. Admitamos assim que o contexto histórico, ou se preferirmos, o arqueológico, é indeterminado, mas claramente insular e geograficamente e geologicamente açoriano.

Os artefactos ou os objetos encontrados estão inequivocamente relacionados com o Vulcão do Guilherme Moniz e o Vulcão dos Cinco Picos, especialmente com os seus traquitos.

Uma datação efetuada por Ferreira e Azevedo (1995) em lavas implantadas a Norte de Angra do Heroísmo, do Vulcão Guilherme Moniz, forneceu uma idade para essas rochas de 410 000 anos. De acordo com Feraud *et al*. (1980) citado por Nunes (2012), a Caldeira dos Cinco Picos/Serra do Cume, ter-se-á formado há menos de 300 000 anos, na medida em que lavas hawaíticas amostradas próximo do topo da Serra do Cume forneceram uma idade K/Ar de 300 000 ± 100 000 anos. Considerado presentemente como extinto, o Vulcão dos Cinco Picos terá iniciado a sua atividade há alguns milhões de anos, como sugerem as datações de 3,52 milhões de anos e de 1,22 milhões de anos obtidas por Ferreira e Azevedo (1995) a Norte do Pico do Refugo (Porto Judeu) e na região de Caparica (a Norte das Lajes), respetivamente.

A idade dos artefactos ou dos objetos geológicos aqui apresentados tem uma escala temporal tão vasta que milhentas hipóteses interpretativas poderiam ser colocadas numa tentativa de compreender melhor a sua génese natural.

No que se refere à possibilidade dos objetos serem artefactos, há apenas a acrescentar que não se conhece nada semelhante no Arquipélago dos Açores que tenha sido produzido por uma comunidade específica. Assim, tanto uma como outra hipótese explicativa tem uma enorme abrangência ou amplitude explicativa, quer em termos cronológicos quer em termos culturais.

2. Metodologia de análise

Os dois objetos ou artefactos aqui apresentados foram colhidos em locais públicos, bermas de canadas, onde resta ainda alguma vegetação endémica, especialmente *Erica azorica* e silvas, encontrando-se perto de pedras grandes de traquito, completamente assentes no afloramento vulcânico.

Tanto a peça da figura 1, que é um traquito rosa, como a da figura 2, que é um traquibasalto, foram encontradas próximas das coordenadas 38º 39,877' N e 27º 9,625' W. A dureza das rochas são sensivelmente idênticas.

As peças aqui apresentadas foram modeladas tridimensionalmente, a partir de diversas fotografias, e tal modelo resulta ser importante porque em cada ângulo de visão, aparenta existir uma perspetiva específica com motivos aparentemente gravados, ou marcas de fósseis diferentes.

Por outro lado, e dada a hipotética grande erosão da peça da figura 1, redesenharam-se as suas marcas com giz branco poroso, de forma apagável, de tal modo que não deixasse marcas ou danificasse a peça, e assim, se pudesse perceber, se essas marcas, petróglifos ou fósseis, constituiriam uma forma específica, ou algo mais facilmente identificável ou comparável, do que a simples observação direta que exige elevado grau de concentração.

Apresentam-se ao longo do trabalho um conjunto de fotografias que permitem entender as formas encontradas e perspetivar, a partir daí, a sua hipotética origem: se natural ou antrópica.

A peça da figura 1 pesa cerca de 13 kg, tem uma altura de 34 cm e uma largura máxima de 12 cm.

A peça da figura 2 pesa cerca de 1 kg, tem uma altura de cerca de 16 cm, uma largura máxima de cerca de 13 cm e uma espessura máxima de 9 cm.

As pedras ou peças aqui apresentadas foram limpas com um pincel e água abundante, de modo a remover-lhes a lama incrustada que possuíam bem como os líquenes foliáceos e musgos que lhes cobriam a superfície. Não foram removidos

FIGURA 1 Peça 1, com aparentes caraterísticas antropomórficas.

FIGURA 2 Peça 2, com aparentes características antropomórficas.

os líquenes incrustantes das rochas ou peças, pois tal implicaria ter que utilizar um produto químico que poderia deteriorar a peça ou então, se se optasse por uma remoção manual, tal poderia produzir novos sulcos, ou aparentes marcas, que não faziam parte do conjunto de símbolos ou marcas originais da peça. Assim, a peça da figura 1 ainda apresenta uma quantidade considerável de microlíquenes incrustantes, alguns de cor clara, e outros, de cor escura (castanha e negra).

Na análise que aqui se efetuará procurar-se-á estabelecer comparações com fósseis, petróglifos ou ídolos encontrados em diversas localidades de Portugal ou da Europa. Também se compararão as duas peças entre si de modo a percebermos semelhanças e dissemelhanças.

3. Análise das peças

3.1. Análise Preliminar

Nenhuma das peças em análise apresenta uma configuração lajiforme característica dos fósseis de plantas, e decididamente, não são fósseis de animais. A peça da figura 1 possui uma parte plana com aparentes sulcos, que hipoteticamente poderão corresponder a marcas de pequenos troncos de plantas ou árvores que moldaram a rocha aquando da escoada lávica. Tal hipótese será explorada posteriormente. No entanto, nenhumas das marcas da peça da figura 2 correspondem a marcas que possam ser associadas, mesmo com elevada margem de erro, ao contacto da lava com plantas ou animais. Assim sendo, a peça da figura 2 não é claramente explicada por qualquer hipótese de erosão ou de marca de fósseis.

A peça da figura 1 apresenta marcas de erosão diferenciadas que se crê estarem associadas a heterogeneidades da rocha bem como a exposições diferenciadas das suas faces aos elementos do clima. Não aparentam existir, marcas ou cortes de períodos distintos, onde as pudéssemos distinguir pela pátina ou onde se pudesse verificar a existência clara e inequívoca de falhas ou marcas onde umas fossem mais recentes do que outras.

A peça da figura 2 apresenta várias fraturas claramente distintas das restantes, podendo afirmar-se com elevada certeza que resultaram de choques mecânicos mais recentes e que danificaram a peça na sua parte posterior (onde se nota ter sido quebrada, faltando-lhe assim um pedaço), o mesmo tendo acontecido na sua base e na parte anterior, onde possui uma pequena fratura provavelmente resultante de um choque mecânico mais recente, mas que não alterou a lógica ou estética da peça. Essas três fraturas são perfeitamente identificáveis a olho nu, pela notória diferença que se observa entre a pátina dessas fraturas e a das restantes marcas.

As peças aqui referidas, aparentando pequenos ídolos antropomórficos, foram encontradas junto de rochas que apresentam claras intervenções humanas atípicas no contexto dos usos agrícolas observados na ilha Terceira, numa zona tendencialmente planáltica, com uma altitude a rondar os 450 m.

A paisagem do local vislumbra-se de uma cota nitidamente superior à maioria dos terrenos próximos, e dos relevos mais acentuados observa-se grande parte do interior da ilha. Os fatores geomorfológicos aqui referidos contribuem para que esse local se ofereça como rico em recursos hídricos, relativamente próximos, e com condições favorecidas de visibilidade sobre toda a paisagem do quadrante Sudeste da ilha Terceira.

No passado, a área planáltica apresentava grande quantidade de plantas arbustivas, especialmente *Erica azorica*, da qual ainda se encontram pequenas manchas relativamente bem preservadas. Mais abaixo desse pequeno planalto, provavelmente se poderia encontrar floresta de Laurissilva pelo facto de ainda se observarem algumas manchas de mato, mas de espécies introduzidas.

Sistematizando as características do local onde foram encontradas as peças aqui referidas, este permitiria num passado não muito remoto, acesso fácil a recursos importantes como água, madeira, pedra e a um controlo visual sobre diversas vias naturais de passagem.

As peças aqui referidas são originárias do local onde foram colhidas, por serem vulcânicas, e como facilmente se observa pela sua génese, classificação e matriz cristalina, esta última observada à lupa com ampliação até 200 vezes.

As dimensões das peças aqui apresentadas são próximas em termos estéticos ou esculturais de outros ídolos encontrados em Portugal, como por exemplo, do "Ídolo antropomórfico da Lameira" (ver figura 3).

De acordo com Sampaio (2007), esse ídolo tem 15 cm de altura, 13 cm de largura e 5 cm de espessura, dimensões essas perfeitamente compatíveis com as peças aqui apresentadas.

O ídolo referido anteriormente foi encontrado numa área planáltica aos cerca de 670 m de altitude, numa zona onde correm diversos cursos de água (Sampaio, 2007) e com características paisagísticas muito próximas daquelas que se descreveram para as peças apresentadas neste artigo.

3.2. Análise comparativa da peça da figura 2

O ídolo antropomórfico da Lameira usa a técnica de gravação e talhe (Sampaio 2007), que parece ser distinta da técnica uti-

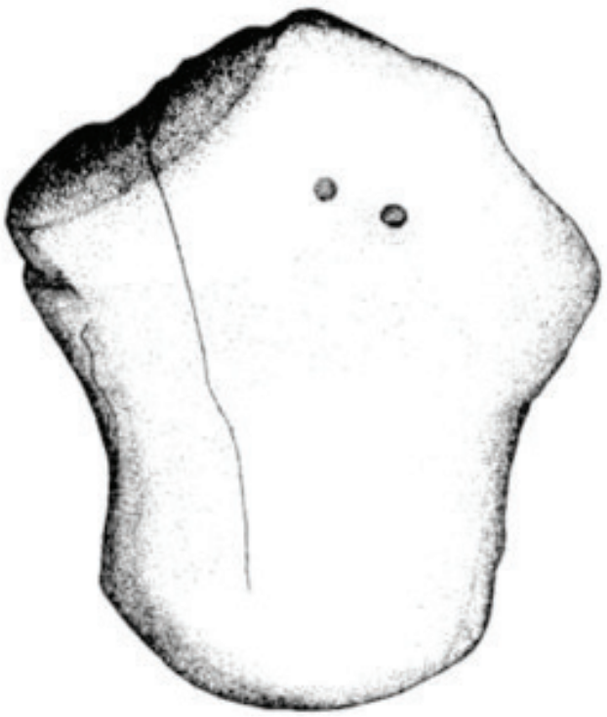

FIGURA 3 Ídolo Antropomórfico da Lameira (figura extraída de Sampaio, 2007)

lizada na peça da figura 2, que parece ser gravação com cinzel e percutor, todavia, para a realização dessa técnica dois materiais poderão ter sido utilizados: metal ou então obsidiana (vidro vulcânico que se encontra com relativa abundância na ilha Terceira).

Na figura 4, apresenta-se uma perspetiva frontal da peça da figura 2, onde se torna claro os cortes efetuados na pedra que produzem a antropomorfização do bloco traquibasáltico.

Sampaio (2007) aponta em termos cronológicos, para a escultura do "Ídolo da Lameira" o período Calcolítico-Idade do Bronze.

A comparação entre a peça da figura 3 e da figura 4 parece apontar para que, a da figura 4, seja mais elaborada do que a da figura 3, onde aparenta existir um conceito estético muito mais evoluído. Nesse sentido, não parece haver objetividade suficiente para que se possam comparar cronologias, mas apenas conceitos:

a) O ídolo-estela da figura 3 tem dimensões da mesma ordem de grandeza da peça da figura 4.
b) O ídolo-estela da figura 3 corresponde a uma antropomorfização de um bloco de rocha, o mesmo acontecendo com a peça da figura 4.
c) A antropomorfização do ídolo-estela da figura 3 é reconhecida pela existência de dois orifícios que representam olhos, enquanto a antropomorfização da peça da figura 4, é reconhecida pela existência de dois sulcos quase lineares: um que sobe a partir do ponto de encontro dos dois sulcos, com 45º, e outro que desce a partir do mesmo ponto, com uma inclinação de cerca de 20º. A boca é praticamente horizontal. Cada um dos sulcos que representam os olhos tem cerca de 3 cm de comprimento (dimensões idênticas) e a boca cerca de 4 cm. A profundidade dos sulcos da boca e de um dos olhos é de 0,5 cm, não sendo possível avaliar a profundidade do outro sulco que constitui o segundo olho porque houve nessa zona uma fratura mecânica. As larguras dos sulcos dos olhos e da boca são idênticas e de cerca 1 cm no máximo. A parte da peça que poderia constituir o nariz, forma um quadrilátero de dimensões 4 cm x 6m x 1m x 4 cm. A distância entre os olhos e o que poderíamos considerar a cabeça varia entre 1cm, no extremo direito do olho direito, e três centímetros, no extremo esquerdo do olho esquerdo.
d) Não existe um claro plano de simetria no ídolo estela da figura 3, o mesmo acontecendo com a peça da figura 4, onde a hipotética face direita é diferente da hipotética face esquerda (ver figuras 4 e 5).

Não subsiste qualquer dúvida, pelas dimensões e formas dos sulcos encontrados na peça antropomorfizada 2, que tais sulcos efetuados por uma técnica de cinzel e percutor, não são marcas fósseis de contacto de plantas ou troncos com a lava incandescente na altura de formação da rocha vulcânica.

Os sulcos ou marcas encontrados na peça 2, não aparentam ter qualquer relação ou semelhança com petróglifos, daí que também essa hipótese, para a peça em análise, possa ser imediatamente rejeitada.

A tipologia da peça, o arcaísmo da sua arte e a ausência de referências histórico-culturais na ilha que permitam explicar a sua presença nos Açores, permite-nos levar a colocar a hipótese de que a peça em análise seja um ídolo, sobre o qual, não é possível estabelecer uma cronologia, nem tão pouco associá-lo a uma determinada cultura.

Existem algumas semelhanças conceptuais entre a peça 2 e os ídolos do neolítico de Portugal e Espanha (veja-se por exemplo Correia, 2010).

FIGURA 4 Vista frontal da peça tipo ídolo da figura 2, onde se destacam os talhes provavelmente executados com metal ou obsidiana.

FIGURA 5 Face oposta à da figura 2 para a peça antropomórfica em análise.

3.3. Análise comparativa da peça da figura 1

Também a peça número 1, foi talhada num monólito de traquito, com o esboço claro de um antropomorfismo de um dos lados, que é conseguido através da representação de uma cabeça que se desenha em forma ovalada e que termina numa forma quase triangular. A peça não apresenta simetria, podendo considerar-se constituída por três lados.

Um dos lados dessa figura possui uma forma ovalada, na qual se encontra uma protuberância cilíndrica, tipo rodela, que poderá representar um olho de diâmetro 5 cm, um hipotético nariz de comprimento 12 cm que entronca na hipotética parte superior da cabeça e a separa daquela parte que é plana e que se julga constituir uma base de apoio. A hipotética boca tem um comprimento de 7 cm no plano na base, 4 cm no lado ovalado, voltando o último troço de 2 cm a entrar no plano da base. Essa hipotética boca tem forma de L.

Da figura quase triangular, na parte superior da cabeça, sai um rebordo trabalhado, com forma de trança, que não chega a atingir a base (a parte mais baixa da peça), com um comprimento de 47 cm.

A parte quase triangular no topo desta vista da peça (ver figura 6) apresenta sulcos pouco profundos lineares, dispostos em orientações muito variáveis. Consegue-se distinguir nesse lado da peça diferentes níveis, que se separam claramente uns dos outros. Não é possível garantir que tais diferenças de nível não possam resultar de um processo diferenciado de erosão, mas à partida, essa hipótese revela-se pouco provável, quando comparamos os sinais de erosão dessa pedra com os sinais das pedras da mesma natureza no local onde esta foi encontrada.

A peça apresenta-se bem conservada e a técnica utilizada parece ser a gravação com cinzel e percutor a que se associou outra técnica, em duas das suas partes, que poderá ter sido de desgaste abrasivo ou polimento.

A gravação com cinzel e percutor permitiria esculpir a trança, os traços lineares na parte quase triangular superior e esculpir o olho e os sulcos que constituem a hipotética boca.

A pátina da face em estudo da peça nº1 apresenta-se diferente na forma quase triangular da parte superior da cabeça, na hipotética trança que liga esse elemento à parte inferior da peça, no rebordo do lado esquerdo, e também na parte plana dessa peça que se designou por base. Quer isso significar que se observa na peça, nessa parte, aparentes intervenções ou erosões reduzidas, enquanto a maior área sofreu uma intervenção substancial (polimento) ou uma erosão substancial.

Explorando a hipótese da face em análise ter sido produzida pelos elementos do clima, essa hipótese revela-se muito frágil, pois a forma quase triangular e a hipotética trança teriam que estar protegidas e nelas não se observariam traços inequívocos de uso de cinzel e percutor. Por outro lado, a outra face também se apresenta arredondada, com um hipotético polimento com abrasão, mas contendo traços ou marcas inequívocas na superfície.

A probabilidade de formação de sulcos retilíneos ou em forma de L, como aqueles que hipoteticamente representam a boca e o nariz, representados a negro na figura 6, resultante do contacto de plantas ou ramos com a lava traquítica incandescente, pode não ser nula, mas é muito reduzida. Procurou-se em vasta bibliografia da área um fenómeno que pudesse explicar os sulcos observados na peça em análise, mas nada se encontrou. Torna também pouco plausível tal hipótese o facto da pátina dos sulcos referidos ser diferente, ou seja, mais recente, do que a pátina da superfície onde esses estão inscritos.

Não é claro que as marcas utilizadas na face em análise da peça nº1 se constituem petróglifos, apontando sim tais marcas, para uma intencionalidade escultória capaz de produzir uma antropomorfização da rocha, como é possível observar na figura 1.

FIGURA 6 Lado antropomorfizado da peça nº1, onde se destacam a negro o hipotético olho (círculo), o nariz (linha negra em frente do olho), a boca (linha negra em forma de L horizontal), linhas finas delimitadoras de vários desníveis e a trança (rebordo do lado esquerdo).

FIGURA 7 Segunda face da peça nº 1 em análise.

FIGURA 8 Elementos principais da segunda face da peça nº1 que resultam do uso de cinzel e percutor. A branco (giz poroso) estão desenhadas outras formas percetíveis na superfície dessa face da peça.

A segunda face desta peça apresenta características de um "petrosomatoglifo" por se assemelhar ao corpo de um animal. Os "petrosomatoglifos" eram usualmente esculpidos por celtas, e parecem existir desde o período megalítico à Idade Média (Bord *et al*., 1999).

Na figura 7 apresenta-se outra face da peça nº1 que agora se inicia a sua análise.

Nesta posição, a peça parece apresentar uma crista ou barbatana, possuindo na superfície arredondada marcas profundas e marcas menos acentuadas, mas claramente identificadas. Tal como na face anterior, também esta parece ter sido esculpida com a técnica de cinzel e percutor a que se associou a abrasão mecânica. Não se notam diferenças entre a pátina de alguma das suas partes.

O perímetro máximo da face em análise é de 34 cm, medido paralelamente à horizontal, sem incluir a crista ou barbatana, e de 27 cm medido na vertical, também sem incluir a crista ou barbatana.

A crista ou barbatana tem de comprimento 47 cm e pode ser dividida em duas partes: uma que vai da base direita da peça até ao alto da cabeça, com 4 cm de largura e comprimento 27 cm, e outra, semelhante à crista de um galo, com um comprimento cerca de 20 cm e uma largura máxima de 9 cm.

Identificam-se esculpidos na crista ou barbatana seis traços, perpendiculares à tangente em cada ponto da superfície aproximadamente esférica onde a crista ou barbatana assenta, de comprimento 4 cm e largura próxima de 1 cm.

Na figura 8, acentuam-se, a negro, os elementos esculpidos na face em análise de modo a verificarmos as formas que aí estão representadas.

O hipotético "olho", mais uma vez com a forma de traço, tem um comprimento de 6 cm e uma largura de cerca de 1 cm. A hipotética boca (mancha escura junto à base) tem um comprimento de 10 cm e uma largura de 3 cm, e o nariz (parte reta), tem um comprimento de 10 cm e uma largura de 1 cm. A parte superior junto à crista ou barbatana, de forma quase triangular e que se liga ao "nariz" tem dimensões 6 cm x 8 cm x 8 cm.

No centro da face da figura em análise encontra-se uma marca circular provocada por abrasão, de diâmetro 5 cm, e sobre essa algo que se assemelha a um traço inclinado que parece ter resultado de um choque mecânico da peça com outra pedra, por não ter a mesma profundidade que os outros traços ou sulcos identificados. Esse aparente risco tem um comprimento e uma largura que varia entre 1 cm e 1,5 cm. Imediatamente acima desse traço aparece uma marca oval de dimensões 5 cm de eixo maior por 3 cm de eixo menor, sobre a qual aparece, também inclinado, um risco com 6 cm de comprimento com uma largura constante de 1 cm. Ainda aparece outro risco ou traço, esse aparentemente intencional, à frente do círculo a que nos temos vindo a referir, com um comprimento de 4 cm e uma espessura de 1 cm (ver figura 9).

A figura delineada a vermelho é compatível com petróglifos de períodos muito arcaicos, bem como as figuras quase

FIGURA 9 Aparentes petróglifos presentes na segunda face da peça em análise.

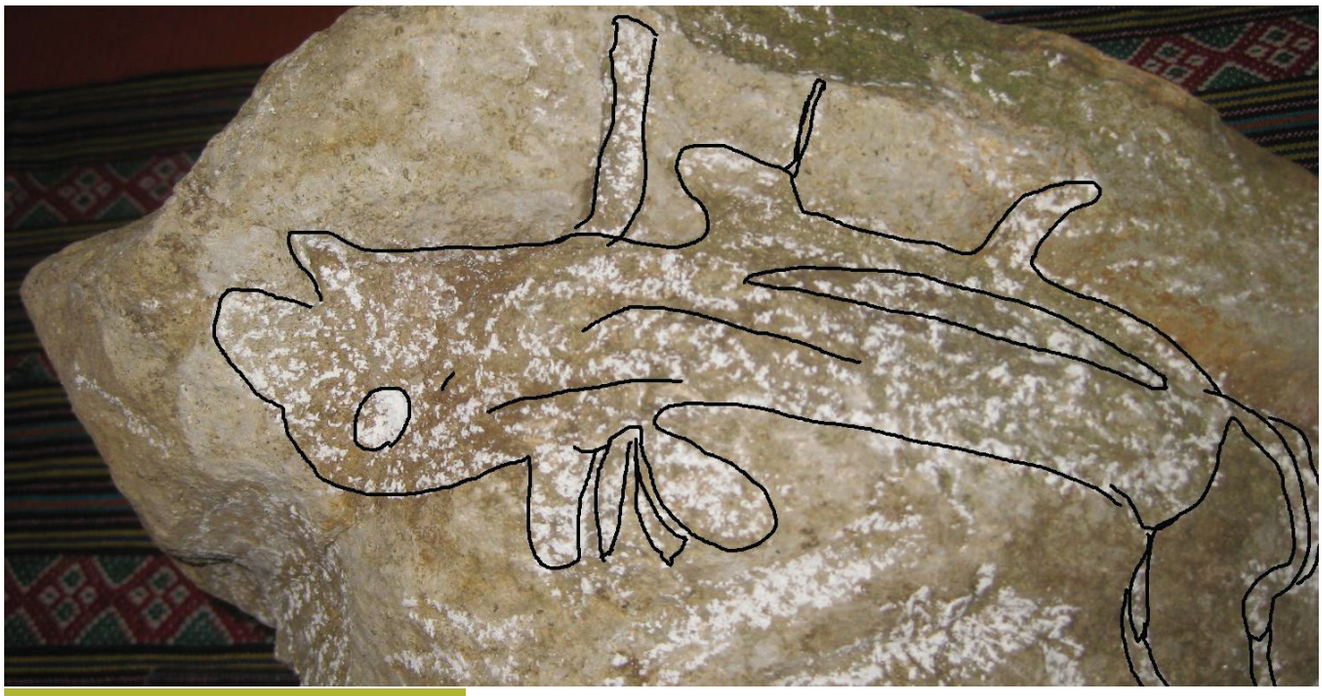

FIGURA 10 Aparente figura alada, onde se identifica um olho circular, uma boca entreaberta e um corpo ao qual se parecem ligar pelo menos duas pernas.

geométricas desenhadas a amarelo. Não entraremos aqui nos seus hipotéticos significados, para não incorrermos em especulação, no entanto, pensa-se que tal figura possa representar um animal, por se identificar claramente a boca e um olho, cuja elaboração parece ser anatómicamente apropriada. Mais uma vez, e olhando para a parte traseira da figura, essa aparenta-se com a cauda de um peixe. Apesar de se colocar aqui essa hipótese interpretativa (da figura ser um peixe), convém desde já referir que existem poucos argumentos que a suportem. Essa figura tem um comprimento máximo de 14 cm e uma largura máxima de 11 cm. O hipotético olho, dessa figura, com forma de lágrima, tem dimensões máximas de 2 cm de comprimento.

FIGURA 11 Hipotética representação de um ou dois animais.

Vista de topo, a peça apresenta outras figuras ou petróglifos, junto à crista ou barbatana dorsal. Contornando uma figura de dimensões 18 cm de comprimento por 4 cm de largura, deparamo-nos com algo semelhante a um ser alado, cujas asas têm dimensões máximas perpendiculares de 3 cm e 4 cm (ver figura 10).

Algumas das linhas que definem o "desenho" anterior apresentam claros sinais de erosão, daí que os contornos ou traços interiores da figura podem ser naturais. O olho é claramente circular e evidente, de diâmetro 1,5 cm.

Relativamente próximo da figura anterior, e também perto da crista ou barbatana, outra figura parece desenhar-se denotando o mesmo arcaísmo estético que as figuras ou desenhos anteriores (ver figura 11).

As dimensões do "petróglifo" da figura anterior são de 9 cm de comprimento por 6 cm de largura. As linhas que o definam também se encontram erodidas daí que a sua forma pode não ser exatamente idêntica à que aqui se apresenta.

Quando observada de frente, revelam-se duas formas que aparecem de modo bastante mais claro, no lado esquerdo. A "boca" da peça aparece com a forma de "pequeno barco", e o "nariz" que resulta da associação de uma linha vertical com uma figura quase triangular, e que se assemelha à forma próxima de uma raia (peixe). Na imagem 12 que de seguida se apresenta, essa forma de "raia" não é totalmente clara, porque o seu desenho é tridimensional, e como tal, a sua planificação deforma-a.

A base plana da peça nº1 tem uma forma próxima de um podomorfo, com pouca intervenção, sendo a pátina dessa parte da peça, bastante mais antiga do que a maioria das outras partes, como já tinha sido referido anteriormente (ver figura 12).

Os podomorfos são uma das iconografias mais vulgares no contexto da arte rupestre dos Vales dos Rios Ceira e Alva, existindo representações com vários subtipos e de vários períodos (Ribeiro *et al*., 2010).

FIGURA 11 Hipotéticos petróglifos de um barco e de uma raia (peixe).

FIGURA 11 Base da peça com forma de podomorfo e dimensões compatíveis com um pé humano.

O hipotético podomorfo possui dimensões de 26 cm de comprimento e 12 cm de largura, com uma forma muito próxima do que Ribeiro *et al*., (2010) designam por "podomorfo sandália".

O comprimento de 26 cm é compatível com as dimensões de um pé que calça o número 40 nos standards europeus, todavia a sua largura máxima excede em 2 cm as dimensões desse número de calçado. Quer isso também significar que não é só a forma que se aproxima do pé humano, mas também, as suas dimensões.

Na parte plana da denominada base da peça encontram-se dois sulcos profundos, feitos provavelmente com cinzel e percutor, onde um deles possui uma aparente forma de L, que sai desse plano da base e termina numa das faces, como anteriormente referido. Aparece também um pequeno sulco, que poderá ter resultado de um choque mecânico com outra rocha (todavia a sua forma retangular deixa-nos dúvidas) e um outro sulco inclinado em forma de I.

Menos profunda, mas também identificável, aparece outra forma que se assemelha a uma letra arcaica ou então a um Ψ grego.

Na figura 12, esses sulcos, inscrição ou petróglifos foram realçados de modo a percebermos a sua forma, difícil de distinguir numa fotografia pela coloração associada à oxidação do ferro na superfície da rocha dessa base, que como referido anteriormente, apresenta uma pátina distinta da maioria das outras partes.

O símbolo com semelhanças ao Ψ grego encontra-se também na arte rupestre de Bealo em Sanxenxo, na Galiza (ver figura 13).

Após a exploração das formas, figuras, "desenhos" ou petróglifos presentes na peça número 1, é impossível negar-se a intervenção humana na produção da peça. Nenhuma das figuras ou petróglifos tem semelhanças com fósseis ou aparentam resultar de choques entre rochas. Nela foram usadas claramente as técnicas de cinzel com percutor e abrasão de rocha contra rocha de modo a produzir superfícies relativamente polidas.

Algumas formas apontam para uma antropomorfização da peça em análise, nomeadamente numa das faces, vista de perfil, com uma trança que de desenvolve desde o topo da cabeça até quase ao *terminus* do que se configura ser um ídolo.

A comparação de marcas da peça nº1 com petróglifos de outras regiões permite-nos afirmar que a semelhança é enorme, pelo que é bem provável que estejamos na presença de ídolos onde se inscreveu ou marcou arte rupestre.

Conclusões

Apresentou-se neste trabalho o estudo de duas peças cujas características não são explicadas pela cultura ou estética escultórica da ilha Terceira. Essas peças não só se aparentam extremamente arcaicas, como também as condições geomorfológicas e naturais do local onde foram encontradas apresentam características semelhantes no território continental ou insular europeu onde se encontram peças semelhantes com o mesmo grau de arcaísmo.

Não é possível estabelecer uma cronologia para as peças em estudo porque não se conhecem as razões da sua produção, os seus hipotéticos autores, ou a existência de contextos históricos medievais ou pré-históricos na ilha Terceira. A estética e as técnicas utilizadas, por comparação, apontariam para períodos longínquos, mas só uma datação dessas mesmas peças permitiria desocultar as dúvidas que elas nos levantam. No entanto, não restam dúvidas que as peças estudadas possuem todas as características de ídolos que apa-

FIGURA 12 Símbolos, petróglifos ou marcas inscritas na base da peça em análise.

recem na Europa desde o período megalítico até à Idade Média, especialmente na cultura celta.

O estudo pormenorizados de várias peças tipo ídolos encontradas na Ilha Terceira, necessita não só de um novo olhar ou de uma nova abordagem científica, como também de uma mudança radical de paradigma, para que assim possamos entender claramente o passado das ilhas ou então os comportamentos culturais dos seus habitantes, comportamentos esses, que nunca tendo sido citados ou referidos, só se poderiam constituir num culto pagão secreto cujas origens estão para além da nossa atual compreensão.

Se por hipótese, as peças tipo ídolos aqui apresentadas, e outras também já recolhidas na ilha Terceira, se constituem artefactos de um período pré-histórico, mais especificamente do período neolítico, mesmo no contexto europeu, tais ídolos e suas funções, também necessitam de um estudo mais aprofundado. Esta última hipótese aqui apresentada é, admitamos, verdadeiramente radical, com impactos ao nível da compreensão da navegabilidade e da expansão da humanidade em tempos muito remotos.

FIGURA 13 Inscrição de arte rupestre de Bealo, em Sanxenxo na Galiza (imagem de Costa Sur.Com, 2014).

BIBLIOGRAFIA

Bord, Janet & Colin. 1999. *Prehistoric Britain from the Air*. Weidenfeld & Nicolson. London.

Correia, A. 2010. *Estelas e Estátuas-menires no Centro e Norte de Portugal e Sudoeste da Meseta Superior*. Vol. I. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra.

Costa Sur.Com. 2014. *Petroglifos de Sanxenxo*. http://sanxenxo.costasur.com/pt/ petroglifos-de-bealo-1-1-gallery.html#ad-image-petroglifos-de-bealo-1-2-gallery. Data de consulta: Setembro de 2014.

Cristo-Silva, P, Martins, N. & Rodrigues, F. 2014. Transformações geométricas e transformações matriciais. Condições de equivalência num estudo de caso (levantamento topográfico de uma peça arqueológica do Complexo Megalítico da Grota do Medo – Terceira, Açores, Portugal). *Livro de Resumos das comunicações do IV Fórum Internacional de Pedagogia*. 4 e 5 de Abril. Angra do Heroísmo.

Ferreira, M. & Azevedo, J.M. 1995. Evolução geológica do arquipélago dos Açores baseada na geocronologia. *Seminário "Geologia Atlântica". Associação Portuguesa de Geólogos*. Ponta Delgada.

Lemos, J.; Cabral, L. & Rodrigues, F. 2014. Estudo exploratório de "marcas de corte" presentes em grandes pedras do Complexo Megalítico da Grota do Medo, Terceira, Açores, Portugal. *Livro de resumos do IV Fórum Internacional de Pedagogia – Portugal*. 4 e 5 de Abril. Angra do Heroísmo.

Meneses, A., Rodrigues, J., Albergaria, M., Maduro-Dias, F., Gaspar, J., Queiroz, G., Gomes, A., Duncan, A., Torres, C., Vilaça, R., Parreira, R., Sousa, A. & Arruda, A. 2013. *Ocorrências Patrimoniais Localizadas no Espigão, Grota do Medo, e no Monte Brasil, Angra do Heroísmo*. Secretaria Regional da Educação Ciência e Cultura – Direção Regional da Cultura. Angra do Heroísmo.

Nunes, J.C. 2012. Notas sobre a geologia da Ilha Terceira (Açores). *V Congresso Ibérico da Ciência do Solo 2012* - Guia de Campo. Angra do Heroísmo.

Picanço, F., Pereira, N., Braga, R., Correia, R. & Rodrigues, F. 2014. Construção ou Processo Natural? Estudo de uma estrutura semelhante a um "Túmulo de Portal" do Complexo Megalítico da Grota do Medo, Terceira, Açores, Portugal. *Livro de Resumos das comunicações do IV Fórum Internacional de Pedagogia – Portugal*. 4 e 5 de Abril. Angra do Heroísmo.

Ribeiro, N., Joaquinito, A. & Pereira, S. 2010. O Podomorfismo na Arte Rupestre da Fachada Atlântica, que significado? *V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. 18 a 20 de Novembro. Almodôvar.

Rodrigues, A.F.. 2013. Megalithic Discoveries in the Azores. *Book of Abstracts of the 16th Annual International Congress Mediterranean Studies Association*. Ma, 29-June, 1. Angra do Heroísmo.

Sampaio, J. 2007. A estela antropomórfica do Castro de Barrega (Borba da Montanha, Celorico de Basto, Braga). *Conimbriga*. XLVI. pp. 53-71.